

O erótico margeando vida e clínica entre dissoluções e transbordamentos

Ana Rita de Calazans Perine¹

Sou da Serra Gaúcha, natural de Gramado, atualmente residindo em Canela. Morei alguns anos em Salvador e décadas em Minas Gerais. Não só trago mostras de mundo em minha expressão gênica (decorrentes da confluência, na Latina América, das matrizes indígena, africana e europeia) como estas invariavelmente interferem no modo como observo e conduzo meus dias.



Circunstâncias favoráveis me permitiram alguns mergulhos in loco em culturas e civilizações distintas, o que sempre me trouxe de volta para casa. Aos 58 anos, com considerável caminho percorrido e certo traquejo adquirido, conservo doses de teimosia anárquica, de curiosidade vibrante e de distanciamento crítico que, somada as mencionadas circunstâncias, me permitem priorizar ações, margear espaços, estabelecer e fortalecer conexões, sempre que as percebo como necessárias para o nosso melhor fluir.

O Brasil pouco conhece o Brasil, a Vida pouco percebe a Vida, o Humano pouco suporta o Humano... A gente muito pouco acolhe as Gentes, tanto de dentro quanto de fora da gente. As verdadeiras historicidades de nossas famílias, grupos de convívio, instituições e cidades nem sempre aparecem nas historiografias.

Com formações somadas e continuadas em Ciências Jurídicas e Sociais, Filosofia Prática e Filosofia Clínica, meus dias se fazem acompanhar de pesquisas, reflexões, atendimentos, contemplações e incômodas sensações pontuais de enfado e exaustão com as coisas do mundo que, mais do que eu gostaria, por vezes me paralisam, tanto em ação

¹ Filósofa Clínica, idealizadora e coordenadora do movimento “Artes, Ciências e Humanidades”, em prol da diversidade de expressão, da confluência de saberes e do caráter emancipatório do pensamento humano. www.orior.com.br/ana-rita



frenética quanto na letargia, roubando a expressão multifacetada de quem sou e o distanciamento necessário para não tornar a acionar gatilhos de conflitos que tinha por superados.

Diversidade de Expressão, Confluência de Saberes e Emancipação do Pensamento compõe o tripé que sustenta as atividades que realizo, desde os Diálogos Continuados à Clínica Filosófica, estruturadas no que denomino “Artes, Ciências e Humanidades”. São mais de trinta anos fortalecendo partilhas e redes transdisciplinares de aprendizado. Sou cofundadora do Instituto ORIOR, sediado em Belo Horizonte / MG.

A escolha do presente tema guarda relação com a mulher que sou. Mas a ousadia de sustentá-lo brota do espaço dinâmico da experimentação, da curiosidade que confia na escuta e, talvez justo por isto, provoque o leitor. As reflexões que aqui teço em momento algum intencionam soar como absolutas e universais, pelo contrário, como trajetórias singulares que são, estão em constante e compartilhadas construções.

Sororidade é um sentimento que me acompanha antes mesmo de ser por mim nomeado, o mesmo que se expressa em genuína alegria por integrar a tessitura que representa “MULHERIDADES: da Pluralidade às Singularidades na Clínica”. Junto da sororidade, um carinho muito particular propiciou o aceite do convite para eu compor a presente Edição da Revista Partilhas. Foi através do Instituto Mineiro de Filosofia Clínica – IMFIC que travei meu primeiro contato com o Método, antes mesmo de iniciar a formação. Aí recebi estímulo para ingressar na nova área e os primeiros conteúdos. Dele não me afastei de todo, por seu intermédio conheci novos e queridos amigos, como os do Recanto da Filosofia Clínica. Também intermediado pelo IMFIC, com meu retorno à Serra Gaúcha, concluí os estudos no Instituto Packter, que segue me nutrindo. Junto da Casa da Filosofia Clínica, que aprimora meu olhar, refinando sensibilidades que me são próprias.

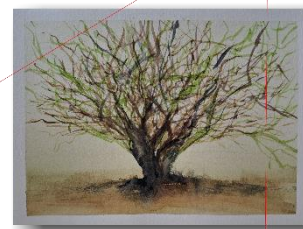
Desde o berço a sororidade me acompanha. Ao detectar força e vulnerabilidade nas mãos que, com delicadeza de gestos, me embalavam e alimentavam. A fala assertiva marcava presença enquanto eu crescia, ora modulando, ora silenciando. A descontração e doçura eram buscadas com destreza, sempre que fosse necessário apaziguar os ânimos. Os termostatos pareciam ajustados para medir a menor alteração no ambiente. Naquelas incríveis mulheres havia algo de mistério e de revelação. No intrincado jogo de ocultar e revelar muitas somos exímias, seja por necessidade de sobrevivência, seja por talento



natural. Quanto aos homens, também marcantes, faziam parte do jogo, mas desconfio que não exatamente com a mesma ciência, digamos que lhes é social e historicamente concedida certa dose potência...

Há algo de tensão na Vida que a Clínica não só comporta como dela se alimenta, espraiando-se em múltiplas direções, em variantes tão diversas e únicas quanto às singularidades acolhidas. E aqui eu me refiro ao espaço relacional que é palco onde se encena uma e outra: Vida e Clínica. Portanto, é plural o termo singular quando pensado em *singularidades acolhidas*. Diz respeito não só ao universo da(o) Partilhante, como também ao universo da(o) Filósofa(o) Clínica(o). Ainda que estejamos todos no mesmo planeta Terra, habitamos universos distintos, com focos e modos de conectividade muito peculiares. Alguns, talvez, com potencial de romper a estratosfera. Seria muito pouco filosófico desprover o terapeuta de sua humanidade. Extirpar a alteridade que lhe habita e tempera, implicaria em aprisioná-lo no pedestal insosso e dogmático do saber-poder. Aí contido lhe restaria o mero papel de objeto de transferência, onde agruras cotidianas se espelhariam, sem o mais ínfimo espaço para improvisações. A questão é que a outridade, entre dissoluções e transbordamentos, conforma a ambos, além de impulsionar o manejo filosófico clínico que, quando bem elaborado, é coconstruído no inédito do momento, no improviso. A segurança do improviso está enraizada no conhecimento e aplicação do método.

O espaço relacional da Clínica desdobra-se em camadas porosas que dialogam entre si. O movimento acontece à semelhança de um pulsar, em cadências dinâmicas, marcadas por expressividades: ora tangenciadas, ora contempladas. O que cada uma das partes deixa e/ou suspende de si se comunica no fluxo do fazer filosófico clínico. E o faz amalgamada a uma energia vital primordial que a todos nós move e orienta, Eros.



Para além da representação do menino travesso que dispara flechas, convertendo os alvos em enamorados, o deus grego joga, brinca, ultrapassa os conceitos convencionais de amor apaixonado, romântico e sensual. Eros desagua na Filosofia Ética do Cuidado, onde sensibilidade e amorosidade, juntas, fundamentam e delineiam uma infinidade de buscas, impulsos desejantes, pulsões, necessidades, vontades de experimentações. Vicissitudes humanas materializadas nos atravessamentos do existir que fundam à



Clínica, que unem e afastam Indivíduos, que geram e nutrem Sociedades, que integram e fragmentam Estados.

Assim como a narrativa poética de Graciliano Ramos humaniza o rio ao afirmar que ele “não quer chegar, quer se tornar mais longo e profundo”, nós questionamos sentidos, reduções e destinos. A cada impasse, ponderação e nova oportunidade de ampliação. Desafios convocam crescimento e autenticidade, fluidez e profundidade. A ânsia pela chegada pode nos tirar do caminho, nos privar de usufruir a caminhada. A falta de presença pode encurtar processos e restringir cenários.

A Clínica é um inclinar-se para acessar o mistério que representa o outro e nós mesmos, parcialmente revelados a cada conectividade que (re)desenha malhas intelectivas. A conectividade não é uma garantia, como frisa o sistematizador da Filosofia Clínica, Lúcio Packter, é uma estrada que se constrói ao longo da existência.

Na vida e na clínica, Eros nos converte em enamorados. E, pela poética descrição de Kélsen André Melo, quem me introduziu na Filosofia Clínica, é justo aí que elas se encontram: *“Chamo de namoro o prazer que cada um mantém de dançar o ritmo que o outro propõe. O namoro é o equilíbrio alegre de bailar sem exigir partitura, roupa apropriada, local preparado. O namoro respeita o improviso e o inesperado como quem abre os braços para acariciar o vento. O namoro é o espaço no qual cada um pode ser um e ainda é acolhido pelo outro, recebido pelo outro. E, tudo isso é diferente dos casais que perpetuam a imagem congelada do que foram. Imagem congelada é aquela percepção, entendimento que se guarda do outro, que aprisiona o outro, que não permite ao outro mexer um milímetro fora dessa imagem que nós construímos na nossa cabeça e não deixamos o outro escapar. Imagem congelada é a camisa de força que colocamos o outro. Ela é mental, emocional, invisível, mas muitas vezes perceptível.”*

Eros nos recorda do pulsar, do fluir, do ser em dialógica com o estar. Ele nos recorda do que une, quem sabe por isso nos seja tão importante detectar o que separa. Eros dá liga e estruturação aos ingredientes, na inteireza que são. É o que impulsiona e mantém íntegra a singularidade humana na direção de si mesma, de onde ela alcança o seu entorno em qualidade de presença. O que conecta mundo interno e externo, o que respeitosamente aproxima universos. O que faz possível o impossível. O que ressignifica, correlaciona e equaliza conceitos como bondade, beleza, justiça e verdade.



Ainda que popularizado como filho de Afrodite e Ares (sustentando força do amor e da guerra, respectivamente), sem desprezar a versão platônica (“O Banquete”) que o posiciona como filho de Pênia e Póros (falta e amparo), opto por partir da versão mais antiga de Eros, que nos deixa Hesíodo (“Teogonia”). Trata-se de um dos deuses primordiais, força cósmica fundamental, um dos primeiros seres a surgir do Caos (vazio abissal). Eros desempenharia o papel crucial de unificar, conectar e impulsionar a procriação entre os deuses e os elementos do universo.

Entendo estas três visões mitológicas, simbólicas por excelência, como complementares. Pontos de observação dinâmicos afastariam a incompatibilidade entre as versões... Enquanto princípio, Eros é onda que se espalha. Onda absorvida-percebida por cada elemento de contato segundo seu repertório, contido em sua especificidade. Especificidade que dita à capacidade de absorção-percepção.

Quem secciona sagrado e profano, hierarquizando graus de importância, acaba por interditar expressões humanas legítimas, julgando umas mais certas que outras, seja por força de política ou cultura. Assim o fez a cristandade, que muitas de nós, Mulheres, conduziu à fogueira sob a peja de bruxas. A tradição cristã incorporou na sua teologia, como melhor lhe convinha, fragmentos isolados da filosofia grega que, diga-se de passagem, já vinha de tradições ainda mais antigas (pensemos em Afro-Eurásia: Mesopotâmia, Antigo Egito, Vale do Indo...). Assim, se rompe a conectividade, se desfaz a malha e reina a quadripartição: Storge, Philia, Eros e Ágape (amor fraternal, amizade, amor romântico ou passionai e amor incondicional ou caridoso). Imbróglio que segue até os dias de hoje, apequenando o ser humano e reduzindo a estabilidade dinâmica de relacionamentos.



Não me parece à toa a Clínica estar repleta de questões que envolvem um Eros partido, um Eros que não transita bem com Tânato, esquecidos estamos de nos conectar com vida e morte como os dois lados de uma mesma moeda, a existência.

Há momentos em que o escoamento é imperativo, o deixar ir se faz necessário para possibilitar o fluxo. Como morte equalizando vida, Eros e Tânato cirandariam com Heráclito e Parmênides, considerando-se o que vai e o que fica de nós e em cada um de nós nas interseções que estabelecemos.



Assim como nosso coração, em ritmadas contrações e expansões, bombeia o sangue que vivifica tecidos, órgãos e sistemas, pulsamos em escalas pontuais entre o que capturamos e libertamos, entre o que coletamos e ofertamos. Em via de mão dupla, da gente para com a gente mesmo e da gente para com o outro.

Ávidos por respostas e resoluções, travestidos de muitos nomes, chegam até nós fomes, necessidades, desejos, vontades... Cansaço, solidão, não pertencimento, insegurança, incerteza, angústia, irritabilidade, depressão, ansiedade... “Você tem fome de quê?”, perguntam os Titãs na canção “Comida”, de 1984. E o fazem como nós, buscando saída, vida, prazer e inteireza perdida.

Do Eros inteiro vem o termo erótico, embora pouco dele se viva. Neste quesito, comumente tateamos quase todos, mas o universo masculino, que preguiça, com notáveis exceções, costuma padecer de acentuada e prolongada miopia. O próprio Sigmund Freud (1856-1939), criador da Psicanálise, de contribuição inegável, reduz experiências significativas às questões de trabalho, sexualidade e morte. Carl Gustav Jung (1875-1961), fundador da Psicologia Analítica, as conduz para um patamar bem mais ampliado, ao incluir a dimensão espiritual e posicionar a libido como energia psíquica em geral, não restrita a sexualidade, estando além de motivações de ordem biológica e genital, integraria o processo de individuação. Nessa linha, Jung resgata as arquetípicas representações simbólicas, Freud via os símbolos como meros e enganosos mascaramentos.

Uma das figuras mais radicais da psiquiatria, bastante inspirado por Freud, Wilhelm Reich (1897-1957), eleva a sexualidade à manifestação e movimentação da energia vital no corpo. O perigo de a reprimirmos geraria, por tensionamento, as couraças musculares que impediriam o escoamento de seus resíduos, o orgasmo seria a descarga saudável da energia estagnada.

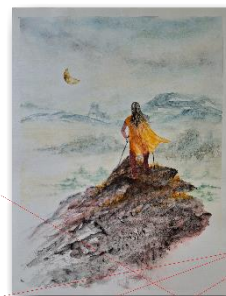
Outro representante do gênero masculino que surpreende seus coetâneos ao expandir o tema é Georges Bataille (1897–1962). Na obra “O Erotismo” aborda a presença da força erótica nos corpos (ato sexual em si), nos corações (prolongamento dos sentimentos) e no sagrado (expansão ao infinito), sempre substituindo o isolamento do ser, sua descontinuidade, por uma continuidade profunda. O erótico causaria tensão entre transgressão (ultrapassar ou infringir limite) e interdito (proibido, base da civilização e experiência humana, como são morte e sexo), justo por buscar dissolver o eu na fusão

com o outro, seja o outro eu de mim-fora de mim, seja o absoluto. “O erotismo é a aprovação da vida até na morte”, defendia.

Contrariando o materialismo convencional e idealista, Bataille propunha o materialismo de base ou de encontro, percebendo matéria / experiência como ativa e instável, desestabilizadora da lógica binária tradicional: alto e baixo, céu e terra, bem e mal. O que, de certo modo, dialoga com Baruch Espinosa (1632-1677): ao libertar o corpo, ativar corporeidades / esteticidades outras e se afastar de trincheiras dualistas. Seu pensamento também apresenta sólidas conexões com Simone de Beauvoir (1908-1986), ambos questionam os limites da subjetividade e da autonomia individual, ambos giram em torno da ambiguidade da existência humana e da relação entre o sujeito e o outro, com a distinção de que ela atribui ao gênero feminino a condição de outro.

Bataille influencia a desconstrução de Jacques Derrida, que baseia a realidade em um caos primordial, fora da lógica e do controle. Entre suas influências: Hegel, Marx, Nietzsche e Freud. Entre seus influenciados, além de Derrida: Foucault, Lacan, Habermas, Deleuze, Guattari.

Gilles Deleuze (1925-1995), refletindo sobre Espinosa, ao enfatizar o quão surpreendente é o corpo e sobre nossa ignorância diante do que o corpo pode, nos instiga a investigar os afetos de que somos capazes. Mas nos alerta para termos prudência ao experimentar, já que não só pessoas, também poderes estabelecidos, têm interesse em comunicar afetos tristes, afetos que diminuem nossa potência de agir. Percebo estar Deleuze na mesma direção de Friedrich Nietzsche (1844-1900), ao nos falar do abismo: quando as vicissitudes do existir abrem um despenhadeiro a nossa frente, convém não nos demorarmos em demasia contemplando o buraco, pois é grande o risco de sermos por ele tragados. E eu fico me perguntando até que ponto o olho do outro eu que é o mundo, e a necessidade de validação que pode encobrir, não seria o tal buraco...



Só se alcançaria o erótico, em sua plenitude, através do mergulho no olhar do outro que possibilita a troca, através da confiança e entrega ao fluxo, onde vidas e existência se enlaçam. O que pode implicar em um assustador perder-se de si de cada um. Aprofundando olhares rompo com o finito, acolho porosidades, transpasso camadas, deixo de estar para ser a vida em movimento, cocrio como infinito plural, onde fluo. Não



há mais eu nem outro, dentro e fora, perto e longe. A noção de temporalidade se esvai, ultrapasso espaço-tempo.

Seria muito pouco provável alcançarmos o erotismo por completo, a integralidade do desejo amoroso, presos na sexualidade, sem incluir a dimensão da espiritualidade; e, em etapas da vida humana, negando o fluxo, a trajetória, o fio que une a irrepetibilidade da sequência de instantes que somos, que nos faz singulares, parte revelação e parte mistério.

Hélio Strassburger, em “Poéticas da Singularidade”, traz a magia da atividade clínica, constituída, também, por entre lacunas de tradução, como um sol a esconder-revelar a própria luz.

O erótico clama por inteirezas, ainda que possa se apresentar como mescla de contrários: completudes e incompletudes, certezas e incertezas, quietudes e inquietudes, luz e escuridão... O erotismo, assim definido, não só permeia a vida e chega até a clínica, como possibilita ambas. E o faz embalando encontros, promovendo autenticidades, pulverizando margens, contornos, arestas. Caem por terra fronteiras de toda ordem. No lugar de muros, surgem pontes. Substituindo obstruções que interditavam acessos, caminho livre, liberando o escoar. O escoamento reverbera. E a reverberação ecoa a magia de estarmos vivos, despertos.

Quando se (re)visita o Mito de Psiquê por esta ótica, completamente imbricado a Eros, o fazer clínico como ética do cuidado resplandece: facilitar a jornada da alma em direção à plenitude de si própria, desvendando mistérios e descobrindo-se o próprio amor e/ou o amor próprio.

Muito resumidamente, enfatizando pontos chave para o que nos interessa... Contra todos os prognósticos e intencionalidade de Afrodite, vingança motivada por inveja, quis o destino que seu filho, Eros, designado para auxiliá-la no intento de fazer Psiquê se apaixonar por um monstro, a quem foi sentenciada unir-se, se apaixonasse ele por ela, a mais jovem e bela das três filhas de um rei, admirada e cultuada pelos súditos. Antes de se envolverem, Eros, o mais doce e belo entre os deuses, com medo de ser descoberto, solicita que Psiquê feche os olhos e jamais o encare. Pacto feito, viviam felizes, gozando de liberdade e encontrando-se à noite, por vontade. Até a dúvida ser inculcada no coração de Psiquê, por suas irmãs, invejosas de sua felicidade. Não seria seu amante um monstro? Psiquê rompe com o pacto assumido, de não buscar o rosto de seu amante, e na escuridão



o busca inteiro, olhando-o pela primeira vez, enquanto dormia. Por um descuido de Psiquê, que também não queria ser descoberta, encantada com a beleza do amado, a cera quente da vela que portava cai sobre sua face e o desperta em sobressalto. Eros censura Psiquê por sua desconfiança e desaparece. Ela o procura desesperadamente, passando com resiliência por inúmeras provas aplicadas por Afrodite, a quem solicita ajuda e não fica insensível em face de um tão grande amor. Assim (re)encontra Eros, conquista a imortalidade e junto dele pode ficar.

Para Joseph Campbell (1904-1987), mito não é mentira, é linguagem metafórica que serve como chave simbólica para os mistérios da vida e da existência humana. As narrativas mitológicas, segundo ele, possuiriam quatro funções principais: mística (transcendência), cosmológica (explicação do universo), sociológica (estrutura da sociedade) e pedagógica (ensinar como viver e encontrar identidade). Campbell frisava que o grande privilégio de uma vida bem vivida é ser quem se é. Os mitos nos recordam disso, como também nos lembram que os mesmos poderes que animam nossa vida, animam a vida do mundo.



Diante do Mito de Psiquê, compartilho sinais de minha localização, boa parte percebida via abertura Clínica. Assim, frente ao leitor, assumo o não saber que me impele a buscar, a expandir territórios e ampliar horizontes... Muito provavelmente nos pontos cegos que todos temos, eu continue como muitos de vocês, como uma Psiquê se esgueirando pelas coxias, agendando, de lá e da plateia, nas(os) Partilhantes formais e informais que integram minha rede de relacionamentos, incluindo eu mesma. Eles estão no centro do palco, sob os holofotes, olhares dos outros e do meu próprio, enquanto Filósofa Clínica e mulher-mãe-filha-amiga-irmã. Textos do meu repertório, que se alarga também nas horas-sessão, são editados sob medida para dialogar com movimentos naturais das singularidades atendidas, detectados a partir de escuta e observação, contextualização de cenários e percepção da movimentação em cena.

A sedução me parece que aparece quando nos aproximamos de quem somos, ainda que em reflexo, e nos apaixonamos pela imagem e as possibilidades que se abrem na busca clínica e vida afora. Aí, com passos mais leves, menos apressados, assertivos e seguros, desfrutamos o caminho, sem excessivas exasperações e preocupações com a chegada.



À semelhança de um Narciso amadurecido que inclinado diante do lago se encanta com translúcidos e oscilantes reflexos de quem parece ser, mas tem consciência que pereceria ao mergulhar onde se imprimem as imagens. Como sombras da caverna de Platão desenhando pseudo realidades, questionando certezas e verdades. Esse Narcísio questionador de si mesmo e do mundo a sua volta, então, se ergue. Uma vez em pé, rumo a quem é, em plena plasticidade cotidiana do vir a ser, a plasticidade dos dias e das faces dele mesmo se revelam. Revelam-se como o rosto do amante se revela a Psiquê. Eros se oculta em cada um de nós, sua revelação promove o despertar, o reconhecimento do Eu Sou.

Quando, no Mito de Psiquê, a cera da vela que carrega cai no rosto de Eros, é o corpo-matéria, desdobrando-se e encontrando a alma-espírito. Yin e Yang formando o Tao. Não é Psiquê que desperta Eros. É Eros em Psiquê – como curiosidade, apetite e atração – que desperta a si própria em meio à busca. E tudo se dá através da cera da vela, que é luz própria, que é corpo-terra-pavio, que é energia-água-parafina, que é emoção-ar-oxigênio que mantém o fogo aceso, que é mente-fogo-luz que verticaliza, dá direção e incendeia.

Talvez seja Eros, enquanto força do erótico oculto em cada um de nós, a revelação que promove o despertar. Quando no Mito ele acorda furioso, a fúria vem da dor de se sentir traído pela confiança que depositava no pacto, de oculto permanecer. Mas o oculto, como mãos invisíveis a manipular, reduz, enfraquece, limita. Psiquê anseia por liberdade, reconhecimento e amplidão. Quer olhos nos olhos, face a face, rosto a rosto. A partir daí o descontrole rompe a cena, a vazão toma conta. O antes contido se espalha.

Autogenias nem sempre são melódicas, podem ser bastante tempestuosas... Mas, quando a gente se dá tempo e espaço, as camadas assentam, os reconhecimentos se fazem e acoplamentos acontecem.

Filósofas(os) Clínicas(os) e Partilhantes, Eros e Psiquês, somos também nós de nós próprios, já que a alteridade nos acompanha enquanto multiplicidade que nos habita. Nesse processo, a maiêutica socrática – arte de fazer parir a alma, inspirada em Sócrates pela mãe-mulher-parteira, Fenarete – aparece no fazer clínico filosófico: a singularidade, enquanto Psiquê, "Alma da(o) Partilhante" – pontos determinantes, essenciais de quem ela é – aflora, vem à luz, movida por Eros.



A Clínica nos ergue, nos coloca sobre nossas próprias pernas, nos capacita percorrer a existência mais seguros de nós mesmos. Sobre novos patamares autogênicos, coconstruídos, descortina-se o cenário de quem somos, cada um a seu modo: narcísios peregrinos e psiquês curiosas, movidos por Eros, na direção do horizonte de nós mesmos.

A cera quente da vela revela Psiquê se esgueirando em meio a sombras até Eros, ao mesmo tempo em que a volúpia de um Eros irrompe diante dela... O mesmo calor que impulsiona astros e esquadrinha céus, que faz deslizar para o papel palavras e que permite oração, que molda atravessamentos como argila nas mãos do artífice, que faz a tinta ocupar o vazio da tela... Em pinceladas inquietas, contidas ou certeiras, a energia preenche espaços, dosando intensidades... Em meio a desencontros – contornando risos, choros, suspiros e gritos – promove encontros... Faz seres humanos pedra, planta, bicho, natureza... Criador e criatura, amante e poeta, escuta e fala, preenchimento e vazão... Do micro ao macro, somos, em dissoluções e transbordamentos.



LARROSA, Jorge:

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um ato de interrupção, um gesto quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.”

JUNG, Carl Gustav:

“Onde o amor impera, não há desejo de poder; e onde o poder predomina, há falta de amor. Um é a sombra do outro.”



“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana seja apenas outra alma humana.”

“Em última instância, é uma questão moral se um homem aplica ou não aquilo que aprendeu a seu próprio respeito.”

BEAUVOIR, Simone:

“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.”

“A impressão que eu tenho é a de não ter envelhecido embora eu esteja instalada na velhice. O tempo é irrealizável, Provisoriamente, o tempo parou para mim. Provisoriamente. Mas eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro. O meu passado é referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele. O que eu sempre quis foi comunicar da maneira mais direta o sabor da minha vida, unicamente o sabor da minha vida. Acho que consegui fazê-lo; vivi num mundo de homens guardando em mim o melhor da minha feminilidade. Não desejei nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos.”

KELEMAN, Stanley:

“O mito pode transformar o que é transparente, o que é transcendente, no processo somático. O corpo usa seu cérebro para fazer imagens de si mesmo e do mundo. Essas experiências organizadas nos colocam em relação com o nosso corpo e o dos outros. É isso o que eu chamo de referência corporal e o que a literatura chama de pensamento mítico.”

CAMPBELL, Joseph:

“Eternidade é aquela dimensão do aqui e agora e que todo pensar em termos temporais elimina. Se você não a atingir aqui, não vai atingi-la em parte alguma.”

“A psique humana é essencialmente a mesma, em todo o mundo. A psique é a experiência interior do corpo humano, que é essencialmente o mesmo para todos os seres humanos, com os mesmos órgãos, os mesmos instintos, os mesmos impulsos, os mesmos conflitos, os mesmos medos. A partir desse solo comum, constitui-se o que Jung chama de arquétipos, que são as ideias em comum dos mitos.”

“Uma coisa que se revela nos mitos é que, no fundo do abismo, desponta a voz da salvação. O momento crucial é aquele em que a verdadeira mensagem de transformação está prestes a surgir. No momento mais sombrio surge a luz.”

